

raras, deve-se atentar para os sinais clínicos que quase sempre são vagos e inespecíficos. Clinicamente, é importante definir o diagnóstico e classificar as leucemias para instituir o tratamento específico e definir o prognóstico dos animais doentes. A leucemia é definida como uma neoplasia maligna progressiva marcada por uma proliferação desordenada das células hematopoiéticas no sangue e na medula óssea. Esta, pela autorreplicação clonal anormal, substitui as células normais da medula óssea. Quando esta se apresenta nas células precursoras (blastos), ocorre uma maciça proliferação de células indiferenciadas que são incapazes de sofrer maturação (leucemias agudas). Já quando a transformação ocorre mais tardiamente na linhagem celular, apresentará uma superprodução de células maduras e diferenciadas (leucemias crônicas). Relata-se um caso de uma cadela da raça teckel que foi submetida a condições de estresse agudo no dia 05/03/2010, tendo como consequência quadros de vômito, diarreia e apatia. Foi realizado o primeiro hemograma no dia 08/03/2010 e foram observadas as seguintes alterações: uma anemia moderada (VG: 29%), leucocitose ($25.800/\text{mm}^3$) por linfocitose ($17.028/\text{mm}^3$) com células de tamanho aumentado, citoplasma basofílico e apresentando nucléolos proeminentes e cromatina grosseira, e intensa trombocitopenia ($57.000/\text{mm}^3$). ALT e creatinina mantiveram-se dentro dos limites de normalidade. Após uma semana (15/03), foi feito um novo exame e o quadro hematimétrico variou significativamente, observando-se anemia grave (VG: 16%), leucocitose ($89.200/\text{mm}^3$), linfocitose marcante ($71.360/\text{mm}^3$) com predomínio de células de tamanho aumentado, citoplasma basofílico e núcleo apresentando nucléolos proeminentes e cromatina grosseira, além de figuras de mitose. Foi observada, ainda, intensa trombocitopenia ($57.000/\text{mm}^3$). O diagnóstico de erliquiose foi descartado sorologicamente. O animal foi a óbito no dia 16/03/2010. Sendo assim, foi sugerido o diagnóstico de leucemia linfoblástica aguda.

1 Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Vila Velha – UVV

2 Médico Veterinário Autônomo

3 Professor do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Vila Velha – UVV

Linfociste em parú (*Pomacanthus paru*): Relato de caso

Araújo, A. P.¹; Montano, A. P.²; Pérez, A. C. A.³; Momette, A. W.⁴

A doença linfocística ou linfociste, causada por iridovírus do gênero *Lymphocystivirus*, ocorre em pelo menos 125 espécies de teleosteos pertencentes a 34 famílias de água doce e salgada. A doença, de aspecto verrucoso, produz lesão proliferativa crônica e geralmente benigna dos fibroblastos. É transmitida por contato direto e pode ser facilitada por lesões na pele, transporte, manipulação ou estresse. Este trabalho tem por objetivo relatar o diagnóstico de linfociste no peixe marinho *Pomacanthus paru*, conhecido popularmente como parú. Um fragmento de aproximadamente 0,5 cm³ de biópsia de nadadeira peitoral da espécie *Pomacanthus paru*, com coloração branca acinzentada, consistência firme e fixada em formol 10%, foi recebida pelo laboratório para análise. O fragmento foi incluído para histopatologia e corado pela técnica de H&E. A microscopia óptica evidenciou a presença de fibroblastos hipertrofiados (diâmetro \bar{x} 500 μm) circundados por cápsula hialina, corpos de inclusão basofílicos na periferia de seu citoplasma, alguns núcleos em lise e necrose no interior do cisto. Ao redor dos fibroblastos, havia presença de infiltrado inflamatório mononuclear difuso com predominância de linfócitos. O achado é sugestivo de doença linfocística, mas é necessário atentar-se para o diagnóstico diferencial com a epiteliociste, pois as características morfológicas macroscópicas de ambas são semelhantes, apenas com pequenas diferenças como a infecção dos fibroblastos dérmicos, a presença de inclusões irregulares e núcleo não deslocado presentes na linfociste e ausentes na epiteliociste. Em relação à localização das lesões, na epiteliociste, pode ocorrer em pele e

brânquias e, na linfociste, as citações que não na pele e nadadeiras são raras. O tratamento consiste em remoção cirúrgica do tecido afetado, podendo ocorrer recidivas. A taxa de mortalidade dessa doença é baixa, porém é indesejável em peixes ornamentais pelo impacto estético, além da possibilidade de ocorrerem infecções secundárias.

1 Diretora Técnica da Acquapiscis S/C Ltda

2 Médico Veterinário Acquapiscis

3 Pesquisadora Científica APTA/SP

4 Graduando de Medicina Veterinária da Universidade Estadual Paulista – Unesp

Mastocitoma cutâneo mimetizando dermatite atópica: Relato de caso

Chamas, P. P. C.¹; Biondi, L. R.¹; Américo, P. M. A.²; Silva, P. T. D.³

O mastocitoma é o tumor cutâneo que mais frequentemente acomete os cães, respondendo por 16 a 21% dos tumores de pele nessa espécie. Acomete cães de meia idade, sem predisposição sexual e pouca predisposição racial. O mastocitoma cutâneo manifesta-se de diferentes formas clínicas, geralmente apresentando-se sob forma de nódulo único não ulcerado e de crescimento lento, sendo a forma generalizada raramente descrita. O diagnóstico é baseado nos achados citológicos e/ou histopatológicos e o tratamento realizado de acordo com o estadiamento da doença, alcançando-se melhores resultados por meio de cirurgia e radioterapia. Foi atendido, no Hospital Veterinário da Unimes, um cão macho de raça labrador, sete anos de idade, com histórico de dermatopatia crônica, com sete meses de evolução, altamente pruriginosa e não responsiva a diversos tratamentos que incluíram corticoideterapia, antibioticoterapia e parasiticidas. Ao exame físico, o animal apresentava lesões de pele generalizadas, com prurido intenso, predominantemente localizadas em face, membros, região axilar e inguinal, lembrando padrão lesional de dermatite atópica. As lesões consistiam em áreas de alopecia, eritema, crostas, hiperqueratose, pápulas e fistulas drenando conteúdo piosanguinolento, confirmando presença de piodermite profunda secundária. A suspeita de demodicose generalizada foi excluída pelo resultado negativo dos raspados de pele e a possibilidade de dermatite alérgica a ectoparasitas foi refutada pelo aspecto lesional e pelo fato do animal receber aplicação regular de pulicida. Assim, optou-se pela realização de estudo histopatológico da pele, que evidenciou mastocitoma cutâneo grau II. Frente ao diagnóstico, instituiu-se tratamento quimioterápico com vimblastina e prednisolona. Após seis sessões de quimioterapia, observou-se persistência das lesões e do prurido; optou-se, então, pela adição de ciclofosfamida ao protocolo, o qual vem sendo mantido até o momento, com boa resposta clínica à terapia.

1 Professor adjunto do curso de Medicina Veterinária da Unimes

2 Médica Veterinária do Hospital Veterinário da Unimes

3 Médica Veterinária – Histopet – Serviço de Anatomia Patológica Veterinária

Micobacteriose cutânea em cão

Mattos, G. R.¹; Ribeiro, P. A.²; Malaquias, M. F. D.¹; Maciel, N. S.¹; Acosta, I. C. L.¹; Martins, C. T.¹

A micobacteriose cutânea é uma infecção rara em cães e tem como agente etiológico micro-organismos do gênero *Mycobacterium* sp., encontrados normalmente no ambiente. As infecções provavelmente são decorrentes de